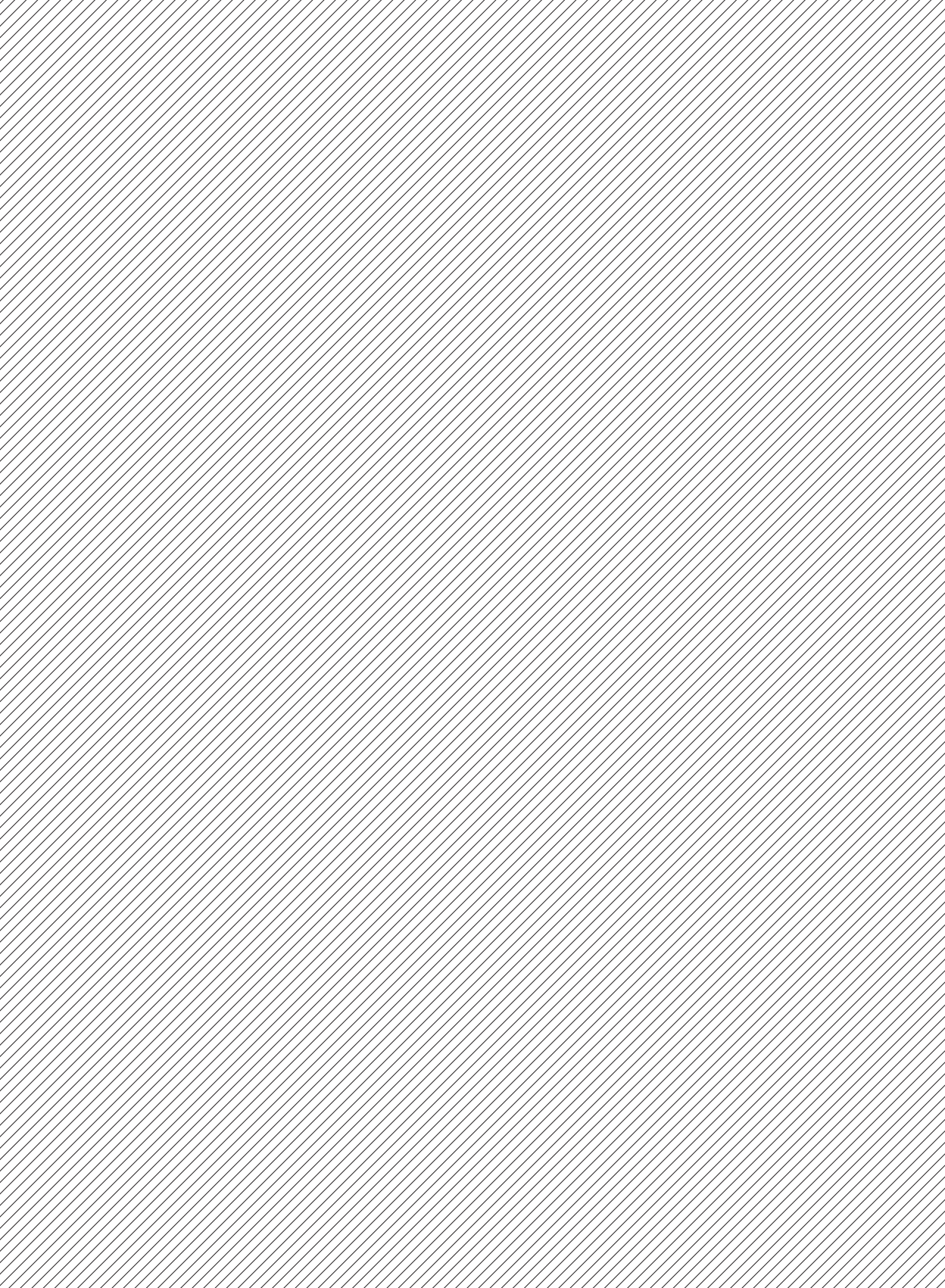


# A EXPRESSÃO DO TEMPO NA FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS <sup>1</sup>

Leodegário A. De Azevedo Filho  
Professor da UERJ e da UFRJ

<sup>1</sup> Texto gentilmente cedido pelo Prof. Leodegário A. De Azevedo Filho, Doutor Honoris Causa pela Universidade Fernando Pessoa.



Machado de Assis penetrou profundamente na própria essência da condição humana, para expô-la e revelá-la em sua precariedade intemporal. Daí o cunho não apenas psicológico, mas sobretudo ontológico do romance machadiano, sempre centrado na minuciosa análise do ser humano. Ele próprio, um dia, escreveu: “Eu gosto de catar o minucioso e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”. Dessa análise introspectiva do ser humano é que vai resultar a profunda verdade de suas personagens, exactamente porque “a vantagem é enxergar onde as grandes vistas não pegam”. Ao contrário, portanto, de Eça de Queirós em Portugal ou de Aluísio de Azevedo no Brasil, que analisaram a sociedade em termos realistas, Machado preocupou-se sobretudo com o mais íntimo do ser humano.

Realmente, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a concepção de um defunto autor – que nada tem a ver com um autor defunto – confere à personagem uma visão onisciente e livre de qualquer convenção social, liberta mesmo das limitações de qualquer visão inserida na temporalidade. Veja-se:

**O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda e não examine e julgue; mas a nós é que pouco se nos dá do exame, nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.**

Como se vê, do ponto de vista interno da narrativa, naturalmente limitado pela temporalidade, o narrador jamais poderia ter a situação atemporal que desfruta, exactamente por ser um *defunto autor* e não um *autor defunto*, reintegrando-se assim no cronos. Ainda inovadora é a estrutura do enredo, por ser “difusa e fragmentada” e com “algumas rabugens de pessimismo”.

E assim chegamos, com a rapidez de um relâmpago, pois é limitado o número de linhas de que dispomos, ao estudo da expressão do tempo em sua ficção, tomando como exemplo as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (In: *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho para a Editora José Aguilar, Vol. I, pp. 408-549. Rio de Janeiro, 1959. Ao todo: três volumes).

Com efeito, do ponto de vista interno da narrativa jamais poderia, ter a situação que desfruta como um “autor defunto”, exactamente por ser “um defunto autor”. Vale a pena recordar aqui este pequeno trecho:

**O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não entenda e não os examine e julgue; mas a nós é que pouco se nos dá do exame, nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.**

Tudo isso, é claro, já significa uma extraordinária revolução introduzida no foco narrativo da ficção daquela época. Ainda inovadora é a estrutura do enredo, por ser “difusa e fragmentada” e com “algumas rabugens de pessimismo”. Por aqui já podemos ver o que o nosso Machado de Assis se Antecipou ao próprio romance proustiano, analisando o tempo subjectivo ou psicológico, nele encarado como acúmulo secreto de vivências interiores, que se depositam e que se interpretam e se cruzam e se amalgamam ou se integram numa espécie de duração interior, ou seja, a *durée* beigsonianiana, antes mesmo de Bergson. Mas é evidente que Machado vai além de Bergson, sobretudo quando se trata da síntese das sensações de

vários episódios simultaneamente fundidos no mesmo tempo, entre eles verificando-se penetrações, cruzamentos e contiguidades que envolvem não apenas o passado bergsonian (la *durée*), mas também o tempo presente de Sartre (*O tempo é o estar sendo*) e o tempo futuro de Ernst Bloch, para quem o futuro, agindo sobre o presente, é o tempo que verdadeiramente existe. Portanto, o nosso Machado de Assis, em termos filosóficos, claramente se antecipou à própria concepção de tempo no pensamento de Bergson, Sartre e Ernests Bloch. A prova disso ainda se pode ver neste extraordinário trecho, aliás redigido antes de um Proust ou de uma Virgínia Wolf:

**Voltaremos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor, envelheceu, enegreceu, apodreceu e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre: um desvio de telhado é o infinito para as andorinhas. Vê agora a naturalidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufrágios, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um poeta e todos abençoarão este canto de terra, que lhes deu algumas ilusões.**

Insistimos em que analisamos aqui apenas trechos do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, intencionalmente sem indicação de páginas, para despertar a curiosidade do leitor e para motivá-lo a ler o romance inteiro. E aqui se vê, ainda uma vez, a reintegração do passado no presente (Bergson) ou a integração do futuro no presente (Ernst Bloch), exactamente no presente (Heidegger ou Sartre), muito antes de conhecer-se o pensamento dos filósofos aqui citados.

Relembremos ainda este surpreendente exemplo de intersecção subjectiva, já agora entre o presente e o futuro, valorizando-se ontologicamente o presente pela projecção, no futuro, do sonho de paternidade de Brás Cubas, transcrito durante o tempo exterior (o tempo dos relógios) de apenas *um quarto de hora*. Eis o trecho:

**O melhor é que conversámos os dois, o embrião e eu, falávamos de coisas presentes e futuras. O maroto amava-me, era um pilintra gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou então traçava a beca de bacharel, porque ele havia de ser bacharel, e fazer um discurso na câmara dos deputados, e o pai a ouvi-lo da tribuna, com os olhos rasos de lágrimas. De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, lousa e livros debaixo do braço, ou então caía no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos; ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora – *baby* e deputado, colegial e pintalegrete. Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo. Virgília sacudia-me, reprochava-me o silêncio; dizia que eu já não lhe queria nada. A verdade é que eu estava em diálogo com o embrião.**

Como se percebe, Machado desconstrói o tempo exterior, para reorganizá-lo no tempo interior ou subjectivo, liberto de folhinhas e calendários. Tudo isso, é claro, é de todo surpreendente num autor do século XIX, época em que dominava apenas o modelo romântico – realista na ficção literária de todas as nações do mundo ocidental. Se a utopia de hoje é a realidade de amanhã, como quer Ernst Bloch, já muito antes dele o nosso Machado, num

jogo de expressão temporal integrado de avanços e recuos, sempre a partir de presente, centro ontológico do ser, mas protegendo-se também no futuro, como nos mostra o sonho de paternidade de Brás Cubas, para afinal dele recuar e retornar ao presente e diluir-se no passado. O embrião é menino e já é adulto, traçando a beca de bacharel e fazendo um discurso na câmara dos deputados, para depois retornar à escola e cair novamente no berço, de onde se erguerá homem. Todas as dimensões temporais do passado, do presente e do futuro aqui se cruzam e interpenetram, pois é do presente que se vai ao futuro, para dele retornar ao passado. Assim, não é possível pensar no passado como um tempo morto, que se exauriu ao realizar-se, porque este também age sobre o presente, exactamente como o futuro. Machado brinca com a expressão do tempo, como se fosse um *jongleur* do invisível que se torna visível. Ele próprio assim define o tempo:

**...tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo: uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro.**

Ele escreveu ainda:

**Imagina um relógio que só tivesse pêndulo, sem mostrador, de maneira que não vissem as horas escritas. O pêndulo iria de um lado para o outro, mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo.**

Como se vê, nesse sentido, os relógios não têm ponteiros, pois aqui não se trata de tempo exterior, mas de tempo interior, indiferente ao passar das horas, dos anos e dos séculos. E, para concluir, observe-se que, na bibliografia de Machado de Assis, lida à luz do pensamento de Ortega Y Gasset (*eu sou eu e as minhas circunstâncias*), logo se percebe que Ele *enganou as próprias circunstâncias*, pois tinha tudo para não ser o que foi. Ou seja, não apenas o maior romancista da literatura brasileira, um dos maiores romancistas da própria literatura universal.